

SOBRE MULHERES, ESCRITA E DENÚNCIA NA OBRA *MULHERES EMPILHADAS* DE PATRÍCIA MELO

Karen Larissa Martins dos Santos (UEMS)¹

André Rezende Benatti (UEMS)²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a obra *Mulheres Empilhadas* (2019) da escritora brasileira contemporânea Patrícia Melo, pela perspectiva da crítica feminista, delinea-la no contexto do feminismo contemporâneo e explorar o modo como são representadas as relações de gênero através da denúncia da violência sofrida pelas mulheres. Apesar de tantas conquistas femininas com o decorrer dos anos, ainda não foram suficientes para as mulheres serem livres na atual sociedade. Essa denúncia é feita através da obra literária, coloca em xeque os padrões que foram estabelecidos até a escrita feminina ter sua autonomia. Patrícia Melo vai expor a realidade de uma mulher brasileira em pleno século XXI, a literatura de autoria feminina brasileira dada ao público nos últimos anos tem acompanhado o desenvolvimento do modo da mulher estar na realidade extraliterária e como as convenções estéticas se relacionam com valores, atitudes e crenças que estão enraizadas em uma sociedade na qual é uma realidade que assombra quem nasce mulher. O método aqui aplicado deve levar em conta os diferentes contextos que constituem a categoria feminina - transferida para o mundo literário - e os padrões raciais, de classe, étnicos, sexuais e regionais que se cruzam com ela. Para avaliar as características, existem modelos conceituais dominantes de questionamento cultural. Nesta obra contemporânea, na qual se detém em subverter os valores estéticos e ideológicos que vem marcando época, a metodologia, baseia-se em conceitos adotados por teóricos pós-modernos e teorias de críticas feministas, como Constância Lima Duarte (2019); Jacqueline Pitanguy (2019); Heleieth I. B. Saffioti (1999).

Palavras-chaves: Crítica literária feminista. Mulheres Empilhadas. Escrita feminina. Denúncia

¹ Discente no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

² Docente e orientador no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

INTRODUÇÃO

A teoria crítica feminista estabelecida sob o signo do pós-estruturalismo é coerente com a promessa original da ideia do feminismo, nasce imbuída do desejo de promover o desmantelamento da opressão patriarcal e, em contrapartida, a emancipação da mulher no âmbito da Literatura que se traz neste estudo, o foco será a mulher enquanto escritora, sendo a escritora a ser contatada, Patrícia Melo. Escritora contemporânea, Patrícia Melo surpreende o público ao trazer obras que abordam narradores masculinos e com temas sobre assassinatos e outros crimes relacionados pela questão da classe social, além disso, traz em suas obras questões que até então, nas obras escritas por mulheres, eram apenas identificadas com temáticas autobiográficas ou com características domésticas dando ênfase.

Patrícia Melo (São Paulo, 1962) é romancista, roteirista, dramaturga e contista. Seu primeiro romance foi publicado em 1995, intitulado *O Matador* (1995), pelo qual ganhou prêmios na França e na Alemanha, foi reconhecido pela crítica e pelo público brasileiro. Antes de sua publicação final, *Mulheres Empilhadas* (2019), Patrícia Melo escrevia apenas sobre personagens centrais masculinos, caracterizados pela violência.

Para compreender o mundo da ficção nas obras de Patrícia Melo, é necessário compreender o desenvolvimento da literatura urbana brasileira a partir dos anos 1960 na qual tinha o vocabulário repleto de gírias e se tinha como tema as notícias, filmes e manchetes de *rap*.

Em "*Mulheres Empilhadas*" (2019), Patrícia Melo apresentará uma obra ficcional, mas com base de personagens na vida real. Nessa trama densa e emocional, as mulheres são as protagonistas. A história se passa no Acre, onde uma advogada foi enviada para relatar um caso local de assassinatos de mulheres a pedido de sua chefe para a produção de um livro sobre estatísticas de mortalidade feminina. Ao chegar à pequena cidade de Cruzeiro do Sul, ela enfrenta uma sociedade extremamente machista e retrógrada, na qual as mulheres indígenas eram invisíveis para as leis e o governo. A obra relata vários casos cruéis e alguns bem detalhados para uma espécie de denúncia feita pela autora sob crimes cometidos contra as mulheres.

APORTE TEORICO DE MULHERES NA LITERATURA

Embora o movimento feminista no Brasil ainda seja pequeno em questão de visibilidade social, ele teve uma grande vitória em uma de suas bandeiras ligada às mudanças econômica e social do país.

Pode-se dizer que a vitória do movimento feminista é inquestionável quando se constata que suas bandeiras mais radicais se tornaram parte integrante da sociedade, como o direito de a mulher frequentar a universidade, escolher sua profissão, receber salários iguais e candidatar-se ao que quiser. Tudo isso, que já foi um sonho utópico, faz parte do dia a dia da mulher brasileira e ninguém pode imaginar um cenário diferente. (DUARTE, 2019, p.26)

Aos poucos, com o tempo, foram se acumulando pequenas vitórias, mesmo com tamanha dificuldade enfrentada devido um sistema patriarcal e opressor. Apesar da nova geração desconhecer a real história do feminismo, a bibliografia referente a essa luta fica presa em torno dos anos 1930 na luta pelo voto, por isso se entende que a luta das mulheres pelos seus direitos fica apenas em torno de determinadas bandeiras.

As décadas em que esses momentos teriam obtido maior visibilidade, ou seja, em que estiveram mais próximos da concretização de suas bandeiras, seriam em torno de 1830, 1870, 1920 e 1970. Foram necessários, portanto, cerca de cinquenta anos entre uma e outra, com certeza ocupados por um sem-número de pequenas movimentações de mulheres, para permitir que as forças se somassem e mais uma vez fossem capazes de romper as barreiras da intolerância, abrindo novos espaços. Em cada um deles, identificamos algumas escritoras feministas, à guisa de ilustração. (DUARTE, 2019, p.27-28)

O primeiro momento das mulheres em suas letras iniciais, surge no século XIX, no qual as mulheres brasileiras, em sua grande maioria, viviam em bolhas e imersas em uma cultura rígida e machista. Surge então a primeira bandeira, na qual veio se tornar uma das mais importantes que é o direito básico, que na época era reservado apenas para os homens, de aprender a ler e escrever. Em 1827, cria-se a primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas para o sexo feminino. Educação que antes era baseada somente na existência de alguns conventos que mantinha as meninas sob uma educação de como cuidar de uma casa, filhos e marido até o casamento das mesmas.

O nome que surge então é o de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), a primeira mulher a romper com os padrões sociais e espaços privados publicando textos em jornais. Também foi a primeira a escrever sobre o direito das mulheres em seus trabalhos considerando-as merecedoras de respeito e inteligência.

Nísia após se mudar para Europa publica algumas traduções de alguns textos feministas na qual apresenta o pensamento europeu e coloca em pé o elo entre as ideias estrangeiras e a realidade brasileira.

Nísia Floresta identifica na herança cultural portuguesa a origem do preconceito no Brasil e ridiculariza a ideia dominante da superioridade masculina. Homens e mulheres, afirma ela, “são diferentes no corpo, mas isso não significa diferenças na alma”. Argumenta, também, que as desigualdades que resultam em inferioridade “vêm da educação e circunstâncias de vida”, antecipando a noção de gênero como uma construção sociocultural. Segundo a autora, os homens se beneficiavam com a opressão feminina, e somente o acesso à educação permitiria às mulheres tomarem consciência de sua condição inferiorizada. (DUARTE, 2019, p.29)

Nísia Floresta foi e é importante para esse momento histórico por ter colocado em língua portuguesa o contexto nacional pensando na história da mulher brasileira. Em meados do século XIX, surge então os primeiros jornais editados por mulheres. Os críticos não receberam muito bem e colocaram como imprensa secundária, mas foi através daquelas páginas que conseguiram um espaço para a construção da identidade feminina. Foi em 1852, no Rio de Janeiro que surge então o *jornal das Senhoras*, criado pela argentina Joana Paula Manso de Noronha, ela acreditava que: “*Deus deu à mulher uma alma e a fez igual ao homem e sua companheira*” (DUARTE, 2019, p.32) Acreditava que a elite deveria funcionar de igual para igual e as mulheres não deveriam ficar isoladas, “*quando o mundo inteiro marcha ao progresso*” e “*tende ao aperfeiçoamento moral e material da sociedade*”. (DUARTE, 2019, p.32)

Logo após nos anos de 1870, espantosamente começaram surgir vários outros jornais e revistas escritos e editados por mulheres e com isso marcando presença na ampliação da educação e já desejando o direito do voto. Muitos ainda eram editados no Rio de Janeiro, mas alguns outros foram publicados em outras localizações do país. Para marcar essa época, jornais e revista que surgiram foram:

O Sexo Feminino, dirigido pela incansável Francisca Senhorinha da Mota Diniz, de longa vida e muito sucesso. Pesquisas revelam que o periódico teve três fases. Na primeira, foi publicado de 1873 a 1875, em Campanha da Princesa, Minas Gerais, já com a surpreendente tiragem de oitocentos exemplares e assinantes em diferentes cidades. A segunda ocorre alguns anos depois, no Rio de Janeiro, de 1887 a 1889, para onde Francisca Senhorinha havia se transferido com a filha, tornando-se um nome conceituado junto à Corte. A filha, Elisa Diniz Machado Coelho, também jornalista e autora de romances-folhetim, fundou o Colégio Santa Isabel, para moças, que logo se tornaria um dos mais prestigiados da cidade. Em seus artigos, Francisca Senhorinha alertava às mulheres que o “grande inimigo” era a “ignorância de seus direitos”, que “a ciência dos homens” se encarregava de manter. E que apenas com a instrução seria possível “quebrar as cadeias que desde séculos de remoto obscurantismo nos rodeiam”. (DUARTE,2019, p.33)

Para saber que edição fez grande sucesso, é avaliado pela quantidade impressa.

O sucesso do periódico pode ser avaliado quando se sabe que foram impressos mais 4 mil exemplares dos primeiros dez números para atender aos ilustres novos assinantes do Rio de Janeiro, como o imperador d. Pedro II e a Princesa Isabel. Depois, entusiasmada com a Proclamação da República, ela mudou o nome do jornal para O Quinze de Novembro do Sexo Feminino, e passou a defender com mais ênfase o direito das mulheres ao estudo secundário e ao trabalho, e a denunciar a educação mesquinha oferecida às meninas. Estava-se, então, na terceira fase do periódico, que foi de 1890 a 1896. 11 Outros jornais feministas marcaram época, como o Echo das Damas, editado por Amélia Carolina da Silva Couto, que circulou no Rio de Janeiro de 1875 a 1885, defendendo a igualdade e o direito da mulher à educação, e divulgando as realizações femininas em outros países. (DUARTE,2019, p.33)

Através das conquistas do feminismo, os direitos humanos devem ser compreendidos dentro da dinâmica dos seus exercícios. E foi com esses processos históricos que as mulheres conseguiram parte dos seus direitos, ganhando, aos poucos, credibilidade e visibilidade. Algumas leis, convenções, enunciados e muita luta para demarcar seu espaço na cidadania formal, pois as mulheres viviam às sombras dos homens e com a sociedade patriarcal beneficiando apenas esses “*as leis, bem como sua interpretação e implementação, refletem relações de poder e padrões culturais predominantes em determinada sociedade*”. (PITANGUY, 2019, p.90) Isso nota-se pela prática dos exercícios na esfera política e a existência de instituições democráticas.

Durante a ditadura que marcou o cenário político brasileiro com grandes graus de violência, o feminismo ganhou visibilidade no cenário político que questionava as hierarquias, as relações de poder e a desigualdade na qual representava a mulher como cidadã de segunda categoria, conseguiram espaço para levantarem pautas como:

Organizado em coletivos informais, grupos de reflexão, centros de estudos em universidades, trabalhando em articulação com outras forças sociais que lutavam contra a ditadura militar, as feministas levaram a agenda de direitos das mulheres a espaços diversos como sindicatos, associações profissionais, academia, imprensa, entre outros. (PITANGUY, 2019, p.91)

Apesar de contar com o apoio da igreja para essas causas sociais, outras pautas levantadas como aborto ou acesso a métodos contraceptivos a igreja era contra. Embora existissem muitos obstáculos para ampliar suas alianças nesse contexto, o movimento feminista chamou atenção e

ganhou visibilidade para legítima defesa ao acesso de mulheres vítimas de violência à segurança e à justiça dessas que sofreram com impregnação da esfera patriarcal.

Com isso, o feminismo retiraria o manto de invisibilidade que cobria a violência doméstica e questionaria a aceitação, por parte da sociedade e das instâncias policiais e da justiça, das agressões perpetradas no espaço do lar e/ou envolvendo homens e mulheres com relacionamentos afetivos. Ao longo dos anos 1970 e início dos anos 1980, feministas desenvolveram a campanha Quem ama não mata, denunciando a elevada incidência de homicídios de mulheres perpetrados por seus maridos ou companheiros. Denunciaram também a utilização do argumento da legítima defesa da honra nos tribunais, com o qual assassinos confessos de suas esposas ou companheiras eram absolvidos ou recebiam sentenças irrisórias, revertendo a lógica da justiça, posto que a vítima se transformava em ré, isto é, em culpada de seu próprio assassinato. (PITANGUY, 2019, P.92)

O movimento feminista foi e é essencial à luta pela reforma das leis nas quais inferiorizam as mulheres. Apesar de muitas dessas conquistas ainda serem muito recentes, é dever de todos saber o real contexto do movimento histórico, pois foi através dele que as mulheres ganharam voz para reivindicar a forma que viviam e não retrocederem ou manterem o estilo de vida passado.

DENÚNCIA NA LITERATURA ESCRITA POR MULHERES

Como já dito, por muito tempo as mulheres ficaram excluídas do cenário literário, primeiro na leitura de obras, posto que as atividades intelectuais se restringiam aos homens e quando conseguiram o direito à leitura, para elas eram destinados apenas romances com histórias que tratavam da busca por marido e pelo sucesso no ambiente doméstico. Com muitas das conquistas feminista, hoje a literatura contemporânea feminina proporciona discussões e reflexões sobre o papel da mulher em sociedade, apresentando-se em forma de denúncia para as várias formas de violência às quais as mulheres encontram-se submetidas, sobretudo diante de um cenário que cada dia se torna mais alarmante.

Em sua primeira obra de protagonista mulher, Patrícia Melo denuncia a realidade de uma mulher na sociedade atual. Uma cultura que acontece desde dos primórdios e nos acompanha até nos dias de hoje. A denúncia do comportamento do homem na obra é apresentada em várias ocasiões. Nesse romance contemporâneo, a autora coloca em xeque o homem opressor e agressor que até então era naturalizada, pela sociedade como a espécie do homem ciumento. Pode notar-se isso no trecho da obra de Patrícia Melo na qual ela descreve vários feminicídios causados por algumas discussões.

Regina irritava Wenderson, ela tirava Wenderson do sério por causa da porra daquele rádio & Ermício descobriu uma foto de Silvana de biquíni no celular dela & Daniela queria romper com Alberto & Rusyleid desejava se separar de tadeu & Degmar já até pedirá o divórcio de Ádila & Iza morreu, na verdade, porque se negou a patrocinar a cachaça do Heroilson. Iza era assim, disse Heroilson para o juiz, uma dona complicada. Difícil mesmo. Sabe para quem Silvana enviou a foto de biquíni? Para o colega da firma. Eu deixava a Silvana trabalhar e ela fazia isso comigo, declarou Ermício. De biquíni! Abaixa a porra desse rádio, avisou Wenderson um milhão de vezes. Mas quem falou que Regina obedecia? (MELO, p.71)

Em um outro fragmento da obra, nos deparamos com um episódio que a autora expõe sobre Amir não aceitar bem o término do relacionamento com uma jovem advogada, protagonista da história, que não tem seu nome revelado, até então. Amir que logo no início do romance, dá um tapa

na cara da protagonista que ocasiona toda a mudança do relacionamento deles. Após rejeitar o pedido de conciliação, Amir propaga diversos vídeos íntimos da protagonista na internet.

E então Denise me contou. Ela estava realmente chocada: o escritório receberá alguns vídeos com imagens minhas. íntimas. eu nua. eu fazendo sexo. Mesmo antes de vê-los, eu sabia que só podia ser coisa de Amor.

- Os americanos já têm nome para essa prática: *revenge porn* - explicou Denise.
- Você pode me mandar tudo isso? - perguntei.
Acho que foi naquele telefonema que entendi o que significava sororidade.
(MELO, p.159)

Ou em outro trecho da obra que autora apresenta também uma advogada, de classe média e que defendia mulheres que sofriam de algum tipo de violência por seus companheiros, ao final do romance é assassinada por um ex namorado que pensava estar protegendo-a ao matar mais três assassinos que ela estava acompanhando o caso. Carla foi morta apenas por entrar em histeria com a confissão de seu ex namorado que apareceu na sua casa com um revólver.

Aí, mostrei o revólver que eu tinha usado para protegê-la. Foi um erro, eu sei. O revólver fez com que ela surtasse. Ela começou a gritar. Descontrolada. Tipo louca, mesmo. Um sufoco. Daí em diante, foi foda. Perdi o controle. Ela ficou lá gritando, me atrapalhou o raciocínio. Falei “Cale a boca, Carla, deixa de ser histérica.” Ela não me ouvia. Continuou gritando, gritando. E quando tentei chegar perto, ela me empurrou. Me deu um tapa. Me chamou de vagabundo. De inútil. Estou sendo muito franco com você. Temos que contar a verdade para o nosso advogado, sei disso. Ela me chamou de folgado. Ficou jogando um monte de merda na minha cara. Foi foda. Fiquei me segurando. Mas quando ela pegou o celular, dizendo que ia me entregar para a polícia, não aguentei. (MELO, p.227)

Muitas das causas da violência vivenciada é descrita por causa dos ciúmes e o seu jogo de poder. A complexidade desse problema, está associada à questão da construção social dos papéis masculinos e femininos e da desigualdade nas relações de gênero. O jogo de poder do sexo masculino, vem da crença que o homem possui direitos e privilégios a mais que as mulheres por questões patriarcais. Para identificar a causa disso, nota-se que o ciúmes pode estar associados à possessividade, pois muitos homens tratam as mulheres como objeto de sua propriedade. O romance da autora contemporânea Patrícia Melo, traz consigo abusos quase como uma norma das famílias, cujo essas violências nunca ocorrem da forma isolada, porquê “*qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente*” (SAFFIOTI, 1999, p. 84).

Em algumas obras e estudos sobre a representação da mulher na ficção brasileira, aparece a existência da violência simbólica e a existência de familiares patriarcais na qual são peculiaridades das narrativas feminina brasileira. Se entende por violência simbólica: “*Ao se entender simbólico como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente “espiritual” e, indiscutível, sem efeitos reais*”. (BORDIEU, 2012, p46). Para melhor explicar:

Ao tornar “simbólico” e um dos seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. (BORDIEU, 2012, p 46).

Algumas manifestações sobre o corpo feminino foram identificadas, defendendo a liberdade das mulheres e questionando a opressão masculina. Vários estudos sobre o gênero dentro da literatura brasileira vêm mapeando as estratégias utilizadas na resistência que estão sendo exploradas na literatura de autoria feminina. Este romance enfatiza que a violência se deve ao fato de os parceiros não poderem deixar de aceitar a premissa de que as mulheres estão se transformando e em busca de novos espaços sociais.

Com a autonomia da escrita, muitas mulheres utilizam da literatura para expor a tortura que muitas ainda vivem e que por muitas das vezes têm suas vozes silenciadas pela mídia. A literatura contemporânea feminina busca apresentar discussões reais e reflexivas sobre como é o papel da mulher perante a sociedade. Com os avanços das conquistas feministas, as mulheres passaram a ter mais voz e os estudos sobre a produção literária feminina aumentaram. Em outras obras como *A chave de casa* (2003), de Tatiana Salem Levy; *Sinfonia em Branco* (2001), de Adriana Lisboa; *Um deus dentro dele um diabo dentro de mim* (2003), de Nilza Rezende; *Garotas Mortas* (2018), de Selva Almada; e *Valsa Negra* (2003), de Patrícia Melo, expõe também outras violências vividas por mulheres.

CONCLUSÃO

Existe diferentes versões deste tema dentro do imaginário da literatura contemporânea, mas isso ocorre desde a década de 1970, e com propagação do feminismo entre as intelectuais brasileiras, o tema da violência contra mulher se tornou um assunto muito discutido dentro da literatura feminina. Apesar de nem todos os escritores usarem essa abordagem, o comportamento violento ganhou mais atenção nos últimos anos e está ganhando mais visibilidade, passando a ser identificado como parte da cultura dominante.

Nesta obra na qual a figura feminina tão diferente daquelas tradicionalmente representadas na literatura, Patrícia Melo vai ao encontro de uma realidade feminina pouco explorada nos estudos de gênero, concernente à violência histórica que, de maneira menos tênue do que se possa imaginar, tem lhe marcado pela sua escrita dita como “marginalizada”. Ao abordar esse tema, Patrícia Melo retoma, de forma simbólica, alguns aspectos das convenções de gênero, que ainda fazem parte do modo como a dominação masculina perpassa as relações de poder na sociedade, pois “o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque macho deve dominar a qualquer custo; e mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu ‘destino’ assim determina” (SAFFIOTI, 1999, p. 88).

Marcada como inferioridade por muito tempo, o romance contemporâneo de Patrícia Melo apresenta uma literatura com personagens centrais femininas que expõe a realidade vivida por muito tempo de mulheres que antes eram descritas como objetos sexuais ou tinham romances escritos que apenas como se deveriam cuidar de uma casa, filhos, cozinhar, moda e como arrumar um bom marido. Romances considerados “rosas” onde a realidade foi mantida no escuro por muito tempo. Uma escrita que revela inquietação ao que acontece ao mundo contemporâneo.

A partir do momento que as escritoras brasileiras começaram a escrever sobre violência contra a mulher, a literatura brasileira revelou os segredos desse crime, expondo assédio sexual e por sua maior parte a violência doméstica. A narrativa dessas obras tem em comum o questionamento da violência contra o sexo feminino, apresenta uma grande oposição e desigualdade em seus diversos aspectos, não se limitando por classe social.

Portando, os estudos sobre o tema *violência contra a mulher* na literatura brasileira nos permitem conhecer os motivos da causa desse problema enraizado desde os primórdios e também nos leva a pensar em possibilidades de erradicação desse crime dentro da sociedade moderna. Dentro dessa perspectiva, ressalta então que a literatura feminina brasileira questiona o poder e força dessa violência, e coloca como destaque o deslocamento social que a mulher luta e se contrapõe à essa ordem vigente.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühnr. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DUARTE, Constância Lima. **“Feminismo: uma história a ser contada” in: “Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto”**. Ângela Arruda... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MELO, Patrícia. **Mulheres Empilhadas**. São Paulo:Leya,2019.

PINTANGUY, Jacqueline. **“A carta das mulheres brasileiras aos constituintes: memórias para o futuro”** in: “Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto”. Ângela Arruda... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **“Já se mete a colher em briga de marido e mulher”**. In: São Paulo em perspectiva. São Paulo: Fundação SEADE, v. 13, n. 4, oct. /dec. 1999.